

Antologia, de Antero de Quental

Fonte:

QUENTAL, Antero de. *Antologia*. Organizacao de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1991. (Poesia de todos os tempos).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Maria Fernanda Amado Morillo de Andrade – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

ANTOLOGIA Antero de Quental

ODES MODERNAS

PANTEÍSMO

I

Aspiração... desejo aberto todo
Numa ânsia insofrida e misteriosa...
A isto chamo eu vida: e, d'este modo,

Que mais importa a forma? Silenciosa
Uma mesma alma aspira à luz e ao espaço
Em homem igualmente e astro e rosa!

A própria fera, cujo incerto passo
Lá vaga nos algares da deveza,
Por certo entrevê Deus – seu olho baço

Foi feito para ver brilho e beleza...
E se ruge, é que a agita surdamente
Tia alma turva, ó grande natureza!

Sim, no rugido há uma vida ardente,
Uma energia íntima, tão santa
Como a que faz trinar ave inocente...

Há um desejo intenso, que alevanta
Ao mesmo tempo o coração ferino,
E o do ingênuo cantor que nos encanta...

Impulso universal! forte e divino,
Aonde quer que irrompa! e belo e augusto.
Quer se equilibre em paz no mudo hino

Dos astros imortais, quer no robusto
Seio do mar tumultuando brade,
Com um furor que se domina a custo;

Quer durma na fatal obscuridade
Da massa inerte, quer na mente humana
Serenos ascenda à luz da liberdade...

É sempre eterna vida, que dimana
Do centro universal, do foco intenso,
Que ora brilha sem véus, ora se empana...

É sempre o eterno gérmen, que suspenso
No oceano do Ser, em turbilhões
De ardor e luz, evolve, ínfimo e imenso!

Através de mil formas, mil visões,
O universal espírito palpita
Subindo na espiral das criações!

Ó formas! vidas! misteriosa escrita
Do poema indecifrável que na Terra
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgi, por céu, por mar, por vale e serra!
Rolai, ondas sem praia, confundindo
A paz eterna com a eterna guerra!

Rasgando o seio imenso, ide saindo
Do fundo tenebroso do Possível,
Onde as formas do Ser se estão fundindo...

Abre teu cálix, rosa imarcescível!
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!
Ergue tu, águia, o vôo inacessível!

Ide! cresci sem medo! Não e avara
A alma eterna que em vós anda e palpita...
Onda, que vai e vem e nunca pára!

Em toda a forma o Espírito se agita!
O imóvel é um deus, que está sonhando
Com não sei que visão vaga, infinita...

Semeador de mundos, vai andando
E a cada passo uma seara basta
De vidas sob os pés lhe vem brotando!

Essência tenebrosa e pura... casta
E todavia ardente... eterno alento!
Teu sopro é que fecunda a esfera vasta...
Choras na voz do mar... cantas no vento...

II

Porque o vento, sabe-o, é pregador
Que através das soidões vai missionando
A eterna Lei do universal Amor.

Ouve-o rugir por essas praias, quando,

Feito tufão, se atira das montanhas,
Como um negro Titã, e vem bradando...

Que imensa voz! que prédicas estranhas!
E como freme com terrível vida
A asa que o libra em extensões tamanhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida
Para a banda do mar, escuto o vento
Que passa sobre mim a toda a brida,

Como o entendo então! e como atento
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,
Que profundo e sublime pensamento!

Ei-lo o Ancião-dos-dias! ei-lo, o Santo,
Que já na solidão passava orando,
Quando inda o mundo era negrume e espanto!

Quando as formas o orbe tateando
Mal se sustinha e, incerto, se inclinava
Para o lado do abismo, vacilando;

Quando a Força, indecisa, se enroscava
Às espirais do Caos, longamente,
Da confusão primeira ainda escrava;

Já ele era então livre! e rijamente
Sacudia o Universo, que acordasse...
Já dominava o espaço, onipotente!

Ele viu o Princípio. A quanto nasce
Sabe o segredo, o gérmen misterioso.
Encarou o Inconsciente face a face,
Quando a Luz fecundou o Tenebroso.

III

Fecundou!... Se eu nas mãos tomo um punhado
Da poeira do chão, da triste areia,
E interrogo os arcanos o seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho
Um espírito! o pó tornou-se idéia!

Ó profunda visão! mistério estranho!
Há quem habita ali, e mudo e quedo
Invisível está... sendo tamanho!

Espera a hora de surgir sem medo,
Quando o deus encoberto se revele
Com a palavra o imortal segredo!

Surgir! surgir! — é a ânsia que os impele
A quantos vão na estrada do infinito
Erguendo a pasmosíssima Babel!

Surgir! ser astro e flor! onda e granito!
Luz e sombra! Atração e pensamento!

Um mesmo nome em tudo está escrito —

.....
Eis quanto me ensinou a voz do vento.

1865 — 1874.

À HISTÓRIA

I

.....
Mas o Homem, se é certo que o conduz,
Por entre as cerrações do seu destino,
Não sei que mão feita d'amor e luz
Lá para as bandas d'um porvir divino...
Se, desde Prometeu até Jesus,
O fazem ir — estranho peregrino,
O Homem, tentando a grossa treva,
Vai... mas ignora sempre quem o leva!

Ele não sabe o nome de seus Fados,
Nem vê de frente a face do seu guia.
Onde o levam os deuses indignados?...
Isto só lhe escurece a luz do dia!
Por isso verga ao peso dos cuidados;
Duvida e cai, lutando em agonia:
E, se lhe é dado que suplique e adore,
Também é justo que blasfeme e chore!

Já que vamos, é bom saber aonde...
O grão de pó que o simoun levanta,
E leva pelo ar e envolve e esconde,
Também, no turbilhão, se agita e espanta,
Também pergunta aonde vai e d'onde
O traz a tempestade que o quebranta...
E o homem, bago d'água pequenino,
Também tem voz na onda do destino!

Porque os evos, rolando, nos lançaram
Sobre a praia dos tempos, esquecidos,
E, naufragos d'uma hora, nos deixaram
Postos ao ar, sem teto e sem vestidos.
Estamos. Mas que ventos nos deitaram
E com que fim, aqui, meio partidos,
Se um Acaso, se Lei nos céus escrita...
Eis o que a mente humana em vão agita!

Ó areias da praia, ó rochas duras,
Que também prisioneiras aqui estais!
Entendeis vós acaso estas escuras
Razões da sorte, surda a nossos ais?
Sabê-las tu, ó mar, que te torturas
No teu cárcere imenso? e, águas, que andais
Em volta aos sorvedouros que vos somem,
Sabeis vós o que faz aqui o Homem?

Fronte que banha a luz — e olhar que fita
Quanta beleza a imensidão rodeia!

Da geração dos seres infinita
Mais pura forma e mais perfeita idéia!
No vasto seio um mundo se lhe agita...
E um sol, um firmamento se incendeia
Quando, ao clarão da alma, em movimento
Volve o astro do céu do pensamento!

E, entanto, ó largo mundo, que domina
Seu espírito imenso! ele é mesquinho
Mais que a ave desvalida e pequenina,
A que o vento desfez o estreito ninho!
Quanto mais vê da esfera cristalina
Mais deseja, mais sente o agudo espinho...
E o círculo de luz da alma pura
É um cárcere, apenas, de tortura!

Um sonho gigantesco de beleza
E uma ânsia de ventura o faz na vida
Caminhar, como um ébrio, na incerteza
Do destino e da Terra-prometida...
Sorri-lhe o céu de cima, e a natureza
Em volta é como amante apeteçada —
Ele porém, sombrio entre os abrolhos,
Segue os passos do sonho... e fecha os olhos!

Fecha os olhos... que os passos da visão
Não deixam mais vestígios do que o vento!
Tu, que vais, se te sofre o coração
Virar-te para trás... pára um momento...
Dos desejos, das vidas, n'esse chão
Que resta? que espantoso monumento?
Um punhado de cinzas — toda a glória
Do sonho humano que se chama História. —

II

Oh! a História! A Penélope sombria,
Que leva as noites desmanchando a teia
Que suas mãos urdiram todo o dia!
O alquimista fatal, que toma a Idéia,
E, nas combinações da atroz magia,
Só extrai Pó! A fúmbre Medéia
Que das flores de luz do coração
Compõe seu negro filtro — a confusão!

Eis do trabalho secular das raças,
Das dores, dos combates, das confianças,
Quanto resta a final... cinzas escassaas!
O tédio sobre o céu das esperanças
Suas nuvens soprou! E ódios, desgraças,
Desesperos, misérias e vinganças,
Eis a bela seara d'ouro erguida
Do chão, onde ilusões semeia a vida!

Os cultos com fragor rolam partidos;
E em seu altar os deuses cambaleiam;
E dos heróis os ossos esquecidos
Nem um palmo, sequer, do chão se alteiam!
Os nossos Imutáveis ei-los idos
Como as chamas no monte, que se ateiam
Na urze seca e a arage ergue um momento,

E uma hora após são cinza... e leva o vento!

Ó duração de sonhos! Fortalezas
De fumo! Rochas de ilusão a rodos!
Que é dos santos, dos altos, das grandezas,
Que inda há cem anos adoramos todos?
As verdades, as bíblias, as certezas?
Limites, formas, consagrados modos?
O que temos de eterno e sem enganos,
Deus — não pode durar mais que alguns anos!

Tronos, religiões, impérios, usos...
Oh que nuvens de pó alevantadas!
Castelos de nevoeiro tão confusos!
Ondas umas sobre outrasconglobadas!
Que longes que não têm estes abusos
Da forma! Tróias em papel pintadas!
Babilônias de névoa, que uma aragem,
Roçando, abala e lança na voragem!

Sobre alicerçes d'ar as sociedades
Como sobre uma rocha têm assento...
E os cultos, as crenças, as verdades
Ali crescem, lá têm seu fundamento...
Ó grandes torreões, templos, cidades,
Babéis de orgulho e força... sobre o vento
Sobre os pés do gigante que se eleva...
E era d'ar essa base... e o vento a leva!

E o vento a dispersou! Ele é seguro
O *Forte da ilusão*... mas se a primeira
Rajada o céu mandou, pedras do muro,
Não rolam mais que vós os grãos na eira!
Vê-se então a alma humana, pelo escuro,
No turbilhão que arrasta essa poeira
Ruir também, desfeita e em pó tornada,
Té que se esvai... té que a sumiu o nada!

III

E isto no meio do infinito espaço!
Dos sóis! dos mundos! sala de fulgores!
Isto no chão da vida... e a cada passo
Rebentam sob os pés cantos e flores!
Quando abre a Natureza o seu regaço,
E o seio da Mulher os seus amores!
E tem beijos a noite... e o dia festas...
E o mar suspira... e cantam as florestas...

Por cima o céu que ri... e embaixo o pranto...
Harmonias em volta... e dentro a guerra...
Dentro do peito humano, o templo santo,
O vivo altar onde comungue a terra!
Vede! habita no altar o horror e o espanto,
E a Arca-de-amor só podridão encerra!
Que espantosa ilusão, que desatino,
Ó luz do céu! é pois este destino?

Os montes não entendem estas cousas!
Estão, de longe, a olhar nossas cidades,
Pasmados com as lutas furiosas
Que os turbilhões, chamados sociedades,

Lhes revolvem aos pés! Vertiginosas
No mar humano as ondas das idades
Passam, rolam bramindo — eles, entanto,
Com o vento erguem ao céu sereno canto!

Às vezes, através das cordilheiras,
Com ruído de gelos despregados,
Um exército passa, e as derradeiras
Notas da guerra ecoam nos valados...
Então há novas vozes nas pedreiras,
E as bocas dos vulcões mal apagados,
De monte em monte, em ecos vagarosos,
Perguntam — onde vão estes furiosos? —

Sim, montes! onde vamos? onde vamos,
Que a criação, em volta a nós pasmada,
Emudece de espanto, se passamos
Em novelos de pó sobre essa estrada?...
As águias do rochedo, e a flor, e os ramos,
E a noite escura, e as luzes da alvorada,
Perguntam que destinos nos consomem...
E os astros dizem — onde vai o Homem? —
Porque o mundo, tão grande, é um infante
Que adormece entre cantos noite e dia,
Embalado no éter radiante,
Todo em sonhos de luz e de harmonia!
O forte Mar (e mais é um gigante)
Também tem paz e coros de alegria...
E o céu, com ser imenso, é serenado
Como um seio de herói, vasto e pausado.

Quanto de grande aí dorme e sossega:
Tudo em sua lei onde adormece:
Tudo, que pode olhar, os olhos prega
N'algum Íris d'amor que lhe alvorece...
Só nós, só nós, a raça triste e cega,
Que a três palmos do chão nem aparece,
Só nós somos delírio e confusão,
Só nós temos por nome turbilhão!

Turbilhão — de Desejos insofridos,
Que o sopro do Impossível precipita!
Turbilhão — de Ideais, lumes erguidos
Em frágil lenho, que onda eterna agita!
Turbilhão — de Nações, heróis feridos
Em tragédia enredada e infinita!
Tropel de Reis sem fé, que se espedaça!
Tropel de deuses vãos, que o nada abraça!

Há n'isto quanto baste para morte...
Para fechar os olhos sobre a vida
Eternamente, abandonando à sorte
A palma da vitória dolorida!
Há quanto baste por que já se corte
A amarra do destino, enfim partida,
Com um grito de dor, que leve o vento
Onde quiser — *a morte e o esquecimento!*

Mas que alma é a tua então, Homem, se ainda
Podes dormir o sonho da esperança,
Enquanto a mão da crueldade infinda
Teu leito te sacode e te balança?
Que fada amiga, que visão tão linda
Te enlaça e prende na dourada trança,
Que não ouves, não vês o negro bando
Dos lobos em redor de ti uivando?

E persistes na vida... e a vida ingrata
Foge a teus braços trêmulos de amante!
E abençoa a Deus... Deus que te mata
Tua esperança e luz, a cada instante!
Que tesouro de fé (que ouro nem prata
Não podem igualar, nem diamante)
É teu peito, que doura as negras lousas...
E crês no céu... e amá-lo ainda ousas?

Passam às vezes umas luzes vagas
No meio d'esta noite tenebrosa...
Na longa praia, entre o rugir das vagas,
Transparece uma forma luminosa...
A alma inclina-se, então, por sobre as fragas,
A espreitar essa aurora duvidosa..
Se é d'um mundo melhor a profecia,
Ou apenas das ondas a ardentia.

Sai do cadinho horrível das torturas,
Onde se estorce e luta a alma humana,
Uma voz que atravessa essas alturas
Com vôo d'águia e força soberana!
O que há-de ser? que verbo d'amarguras?
Que blasfêmia a essa sorte desumana?
Que grito d'ódio e sede de vingança?...
Uma bênção a Deus! uma esperança!

Rasga d'entre os tormentos a esperança...
Dos corações partidos nasce um lírio...
Ó vitória do Amor, da confiança,
Sobre a Dor, que se estorce em seu delírio!...
A mente do homem, essa, não se cansa...
Sob o açoute, sem pão, lar nem cidade,
Crê... sonha um culto, um Deus — a Liberdade!

Flor com sangue regada... e linda pura!
Olho de cego... que adivinha a aurora!
Oh! mistério do amor! que à formosura
Exceda muito o feio... quando chora!
Vede, ó astros do céu, o que a tortura
Espreme da alma triste, em cada hora...
O Ideal — que em peito escuro medra,
Bem como a flor do musgo sobre a pedra!

Por que se sofre é que se espera... e tanto
Que as dores são os nossos diademas.
O olhar do homem que suplica é santo
Mais que os lumes do céu, divinas gemas,
Desgraças o que são? o que é o pranto?
Se a flor da Fé nas solidões extremas
Brotar, e a crença bafejar a vida...

É nossa, é nossa a Terra-prometida!

V

Ó ideal! se é certo o que nos dizem,
Que é para ti que vamos, n'este escuro...
Se os que lutam e choram e maldizem
Hão-de inda abençoar-te no futuro...
Se há-de o mal renegar-se, e se desdizem
Ainda os Fados seu tremendo auguro...
E um dia havemos ver, cheios d'espanto,
Deus descobrir-se d'este negro manto...

Se o Destino impassível há-de, uma hora,
Descruzar os seus braços sobre o mundo,
E a sua mão rasgar os véus da aurora,
Que, alfim, luza também no nosso fundo...
Se há-de secar seu pranto o olhar que chora,
E exultar inda o inseto mais imundo,
Mostrando o céu, à luz d'estranho dia,
As constelações novas da Harmonia...

Ah! que se espera então? o sangue corre,
Corre em ribeiras sobre a terra dura...
Não há já fonte, n'esse chão, que jorre
Senão lágrimas, dor, e desventura...
O último lírio, a Fé, secou-se... morre!...
Se não é esta a hora da ventura,
Do resgate final dos padecentes,
Por que esperais então, céus inclementes?

Sim! por que é que esperais? Tem-se sofrido,
Temos sofrido muito, muito! e agora
Desceu o fel ao coração descrido,
Vem já bem perto nossa extrema hora...
Abale-se o universo comovido!
Deixe o céu radiar a nova aurora!
Que os peitos soltem o seu longo *enfim!*
E o olhar de Deus na terra escreva: Fim!

Fim d'esta provação, fim do tormento,
Mas da verdade, mas do bem, *começo!*
Erga-se o homem, atirando ao vento
O antigo Mal, com trágico arremesso!
Na nossa tenda tome Deus assento,
Mostre seus cofres, seus corais de preço,
Que se veja afinal quanto guardava
Para o resgate d'esta raça escrava!

Escrava? escrava que já parte os ferros!
Eu creio no destino das nações:
Não se faz para dor, para desterros,
Esta ânsia que nos ergue os corações!
Hão-de ter fim um dia tantos erros!
E do ninho das velhas ilusões
Ver-se-á, com pasmo, erguer-se à imensidade
A águia esplêndida e augusta da Verdade!

VI

Se um dia chegaremos, nós, sedentos,
A essa praia do eterno *mar-oceano*,
Onde lavem seu corpo os pustulentos,
E farte a sede, enfim, o peito humano?
Oh! diz-me o coração que estes tormentos
Chegarão a acabar: e o nosso engano,
Desfeito como nuvem que desanda,
Deixará ver o céu de banda a banda!

Felizes os que choram! alguma hora
Seus prantos secarão sobre seus rostos!
Virá do céu, em meio d'uma aurora,
Uma águia que lhes leve os seus desgostos!
Há-de alegrar-se, então, o olhar que chora...
E os pés de ferro dos tiranos, postos
Na terra, como torres, e firmados,
Se verão, como palhas, levantados!

Os tiranos sem conto — velhos cultos,
Espectros que nos gelam com o abraço...
E mais renascem quanto mais sepultos...
E mais ardentes no maior cansaço...
Visões d'antigos sonhos, cujos vultos
Nos oprimem ainda o peito lasso...
Da terra e céu bandidos orgulhosos,
Os Reis sem fê e os Deuses enganosos!

O mal só d'eles vem — não vem do Homem.
Vem dos tristes enganados, e não vem
Da alma, que eles invadem e consomem,
Espedaçando-a pelo mundo além!
Mas que os desfaça o raio, mas que os tomem
As auroras, um dia, e logo o Bem,
Que encobria essa sombra movediça,
Surgirá, como um astro de Justiça!

E, se cuidas que os vultos levantados
Pela ilusão antiga, em desabando,
Hão-de deixar os céus despovoados
E o mundo entre ruínas vacilando;
Esforça! ergue teus olhos magoados!
Verás que o horizonte, em se rasgando,
É por que um céu maior nos mostre — e é nosso
Esse céu e esse espaço! é tudo nosso!

É nosso quanto há belo! A Natureza,
Desde aonde atirou seu cacho a palma,
Té lá onde escondidos na frieza
Vegeta o musgo e se concentra a alma:
Desde aonde de fecha da beleza
A abóbada sem fim — té onde a calma
Eterna gera os mundos e as estrelas,
E em nós o Empíreo das idéias belas!

Templo de crenças e d'amores puros!
Comunhão de verdade! onde não há
Bonzo à porta e estremar *fiéis e impuros*,
Uns para a *luz...* e os outros para *cá...*
Ali parecerão os mais escuros
Brilhantes como a face de Jeová,
Comungando no altar do coração

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

